

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Guanabara

DATA: 13/09/1961 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Homenagem a Anna Leticia

ASSUNTO: Ivan e outras homenagens Anna Leticia.

1 c. da m 13 set 61 2.º Caderno

## Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURÍCIO

### Visitas ilustres: Monroe Wheeler

Monroe Wheeler, diretor de Exposições e Publicações do Museu de Arte Moderna de Nova York, foi designado Comissário dos Estados Unidos à VI Bienal de São Paulo, em substituição a René d'Harnoncourt, diretor do MAM de Nova York e que, por motivo de força maior, desistiu da designação. Como se sabe, a representação norte-americana de artes plásticas foi organizada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York, sob os auspícios de seu Conselho Internacional.

Wheeler está ligado ao museu nova-iorquino desde 1934, quando ali realizou sua primeira exposição. É diretor de Publicações desde 1939 e de Exposições desde 1940, integrando ainda, desde 1943, o corpo de conselheiros da entidade. Já promoveu mais de 500 exposições, desde que assumiu o cargo. Nascido em Evanston, Illinois, EUA, em 1900, foi educado na Europa, tendo cursado universidades da Inglaterra, da Alemanha e da França. Neste país residiu por mais tempo, e ali foi inclusive editor de livros sobre arte, ilustrados, sendo o primeiro sobre Alexander Calder.

O programa de publicações do Museu de Arte Moderna de Nova York, dirigido por Monroe Wheeler, não tem similar no mundo, em quantidade e qualidade. A organização faz até edições em outras línguas, como foi o caso de "Que é a pintura moderna?", publicado por acordo com o MAM do Rio de Janeiro, traduzido por A. Callado.

Portador de condecoração da Legião de Honra, da França, e de outras honrarias, Wheeler é, também, vice-presidente da Sociedade Genealógica e Biográfica de Nova York, presidente da Junta Diretora do Grolier Club nova-iorquino (uma das associações bibliófilas mais conhecidas do mundo), diretor da Sociedade Internacional de Artes Gráficas e membro do Conselho Consultivo da Universidade de Rutgers, Nova Jersey. Velho admirador do Brasil e de nossa arte, tendo estado em São Paulo para a II Bienal, inclusive, é autor, entre outras publicações, dos livros "Modern Drawings", "20th. Century Portraits", "Modern Painters and Sculptors as Illustrators", "Soutine" e — recém-terminado — "The Last Works of Matisse".

### TEATRO DOS E.U.A. E BIENAL DO LIVRO

No Bienal das Artes Plásticas do Teatro, no programa da VI Bienal, os norte-americanos programaram uma demonstração sobre a técnica e a nova arquitetura teatrais, nos Estados Unidos. Ver-se-á o desenvolvimento ocorrido nas pesquisas em torno do uso do palco e quanto recursos entraram em jogo e imprimiram importantes modificações na cena teatral. Verdadeiros engenhos mecânicos, como as plataformas giratórias duplas, fizeram sua intervenção no sentido de dar novas dimensões e outra flexibilidade ao palco. E desses aparatos técnicos, a iluminação, esta, principalmente, muito desenvolvida no caso da "comédia musical", que é um gênero de muita aceitação, veremos na exposição dos norte-americanos um admirável conjunto de exemplos.

Além das técnicas que constam daqueles aparatos, mais ligados ao palco, propriamente

te, a nova arquitetura teatral norte-americana é mostrada em progressos recentes, tanto na exemplificação dos projetos construídos, maquetas, etc., como através de diapositivos, filmes, etc. Um dos mais novos teatros dos Estados Unidos, projetado por Frank Lloyd Wright para o Community Center, em Dallas, Texas, é mostrado num filme. A exposição inclui também uma grande maquete do Centro Lincoln, que é o maior complexo teatral do mundo, atualmente em construção. As artes teatrais contarão aí com um novo Teatro Lírico Metropolitano, sala de concerto, teatro de repertório, um teatro de dança, uma área de concertos ao ar livre, a Juilliard School of Music e um museu-biblioteca.

\*\*\*

Terminou a seleção do material enviado pelas editoras e entidades inscritas, seleção essa a cargo da Comissão designada pela Câmara Brasileira do Livro. Foram aceitas as inscrições das seguintes editoras nacionais: Companhia Editora Nacional, Companhia de Melhoramentos de São Paulo, Difusão Europeia do Livro, Editora das Américas, Editora Merito, Editora Lep, Editora Cultrix, Editora Brasiliense, Livraria José Olympio, Editora Flamboyant, Massao Ohm Editora, Livraria Martins Editora, Livroluz, Mestre Jou, Saraiva, W. M. Jackson. A inscrição do Estúdio-Gravura-Ernesto Wolf, e de Segal-Chleu, foi aceita "hors concours". Quanto às inscrições dos países estrangeiros, comparecem à Bienal do Livro e das Artes Gráficas, a Alemanha, a Suécia, a Polônia, a Bélgica, a Holanda, El Salvador e Suíça. Mais de dois mil títulos totalizará a exposição, entre obras nacionais e estrangeiras.

### NA GUANABARA

— Fayga Ostrower preparando uma grande mostra de gravuras para a Galeria Bonino, com inauguração marcada para o dia 20, quarta-feira, substituindo a mostra de pintura de Loio Persio.

— Maria Leontina trabalhando para a exposição de óleos e gouaches que fará inaugurar no dia 25, segunda, na Petite Galerie, em substituição à atual mostra de Desenhos e gravuras de Darel Valença.

— Roberto Burle Marx de malas prontas para Caracas, firmou contrato para os projetos paisagísticos de Brasília (enfim!) e para o Jardim Botânico de São Paulo. Deverá regressar breve, pois há também o Aterro.

— Ana Leticia vai fazer barulho: informada de que passara na seleção para a Bienal com seis trabalhos, inclusive por um membro do júri, somente quatro das gravuras foram expostas. As outras duas estão com sinal de aceitação.

— Uma nova galeria, dizem, vai ser aberta em Copacabana, por detrás do Copacabana-Palace, financiada por um grupo (venda de automóveis) que entregaria sua direção ao nosso bom Jean (Van Gogh) Bojik.

— Mário Barata nem chegou a desfazer as malas: vai voltar para Paris a fim de integrar o júri da II Bienal, como delegado brasileiro. O confrade já anda encaçalado. O que achará Bonazzolla dessas andanças mil?

— A Galeria OCA vai apresentar uma exposição de pinturas da baiana Maria Celia Calmon na próxima semana, em substituição a atual mostra de desenhos de Gilda e a poltrona de Sergio.

— Um bom conjunto de peças está apresentando a Galeria Gead, destacando-se Manabu Mabe, Maria Martins, Franck Scheaffer, Iberê Camargo, José Paulo Moreira da Fonseca, Thereza Nicolau e Scliar.

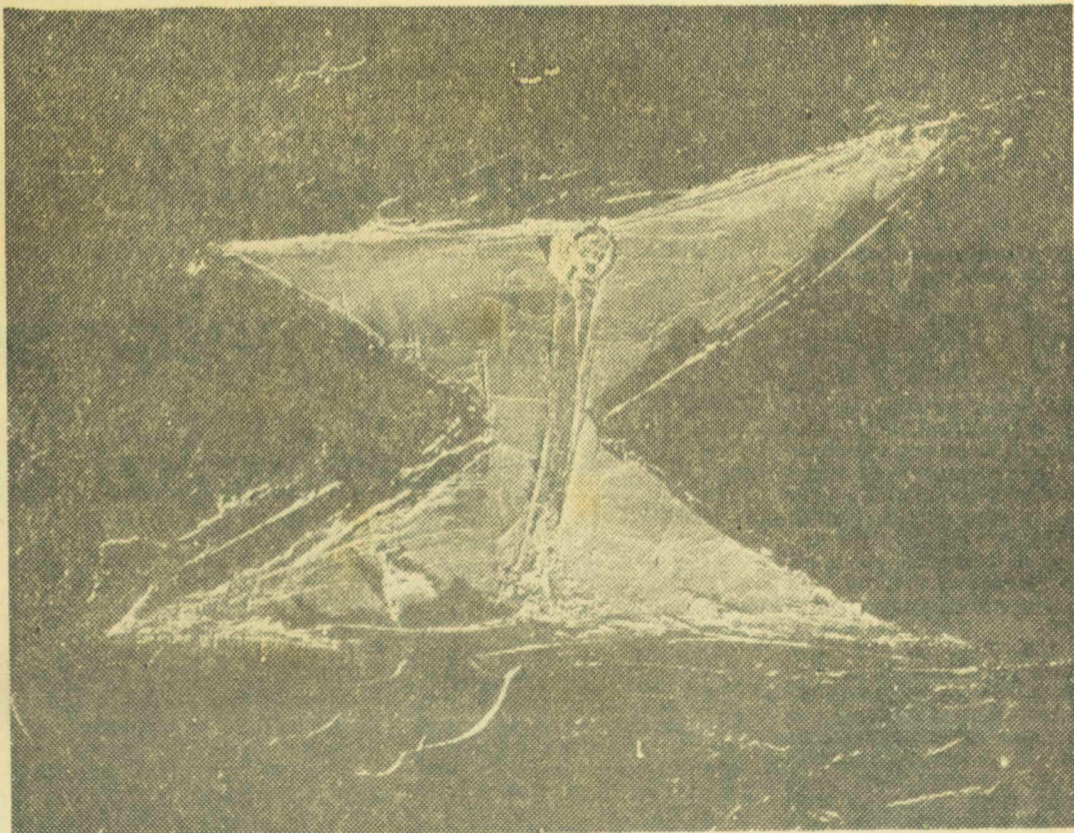
### Atelier de Gravura do MAM

Inaugura-se amanhã, juntamente com outras mostras uma Exposição do Atelier de Gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, apresentando inclusive obras de Edith Bhering e Anna Leticia com prefácio de Fayga Ostrower.

### Homenagem a Anna Leticia

Amanhã, quinta-feira, às 12 horas no restaurante do Museu de Arte Moderna do Rio, a gravadora Anna Leticia será homenageada por um grupo de amigos com um almoço, contando-se com a presença de Fayga Ostrower, Edith Bhering, Ione Saldanha, Maria Bonini, Tereza Nicolau, Zélia Salgado, Vera Mindlin, Roberto Burle Marx, Lúcio Cardoso, Jorge Machado Moreira, Ivan Serpa, Tenreiro, Zaluar, Samico, Teixeira Leite, Darel, o colunista e outros.

### 1.º PRÊMIO DE PINTURA DA BIENAL



O clichê reproduz um trabalho do pintor gaúcho Iberê Camargo, na linha dos que lhe valeram o 1.º Prêmio de Pintura Nacional na VI Bienal de São Paulo. Esta seção havia previsto que esse prêmio ficaria ou com Bandeira, Iberê, Serpa ou Maria Leontina. O pintor, que também é gravador de sólido metier, nasceu em Restinga Sêca, R. G. do Sul, em 1914. Iniciou seus estudos na Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria da Boa Vista do Monte. Frequentou o curso técnico de arquitetura e em 1942 a Escola de Belas Artes do Rio. Fundou um grupo "Guignard" e recebendo prêmio de viagem à Europa no Salão, estudou com de Chirico, Petrucci (gravura), Achille (afresco) etc. Assistiu cursos de André Lothe. Tem tido uma enorme atuação na vida artística do Rio, sobretudo no que diz respeito a reivindicações profissionais e sociais. Professor do I.M.B.A. do Est. da Guanabara, onde ensina gravura. Passou muitos anos em torno de naturezas mortas, cantos de ateliers, etc. até que, há uns dois anos, deu o estalo do carretel, onde sua pintura, que foi sempre boa, atingiu seu plano alto.